

de la

contra

SALVADOR ALLENDE



SESÍ

# Museu da Solidariedade Salvador Allende

Estéticas, sonhos e utopias dos artistas do mundo pela liberdade

Tributo a Mário Pedrosa

Os artistas do mundo souberam interpretar esse sentido profundo do estilo chileno de luta pela libertação nacional e, num gesto único na trajetória cultural, decidiram, espontaneamente, presentear esta magnífica coleção de obras primas para a apreciação dos cidadãos de um longínquo país que, de outro modo, dificilmente teriam acesso a elas. Como não sentir, junto com uma viva emoção e uma profunda gratidão, que contraímos um solene compromisso, a obrigação de corresponder a essa solidariedade

Salvador Allende

Presidente da República do Chile



Meu primeiro contato com o Museu da Solidariedade, da Fundação Salvador Allende, foi em 2004, quando fui convidado pelo embaixador brasileiro Gelson Fonseca, a Santiago. Durante uma visita do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, a Isabel Allende, meu nome havia sido lembrado para criar um novo conceito para o Museu, e para o Memorial Salvador Allende.

A Fundação havia adquirido um belo palacete na Avenida República, movimentada pela presença de novas universidades e escolas, que a rejuvenesceram vividamente. Deixaria, assim, a sede antiga do museu na Calle Herrera para trás: um singular edifício de amplas salas voltadas para um grande pátio interno, bem no estilo colonial espanhol, mas muito danificado pelo terremoto de 1985. As rachaduras nas suas paredes, ainda de adobe, eram uma grande ameaça àquele precioso acervo que, estupefato, eu acabara de conhecer.

Assim começava o meu primeiro desafio latino-americano, na cidade de Santiago do Chile, envolvido com aquela magnífica coleção de mais de duas mil obras doadas pelos artistas de muitos países do mundo, inclusive do Brasil. E também havia o contexto histórico do Governo Allende, das pessoas que viveram e trabalharam ao seu lado; que sofreram por causa da ditadura militar, que foram presas, que se exilaram durante anos. E, mais importante, a sólida caminhada do Chile, de volta para a democracia.

Houve ainda uma grande surpresa, ao tomar conta da dimensão da presença do crítico brasileiro Mario Pedrosa, intensamente engajado com o Presidente Allende, naquela viagem utópica de criar, no Chile, um museu de doações, que refletisse as vanguardas artísticas internacionais daquele momento. Allende faria assim, traria a nova arte e os movimentos de renovação artística, como modo de informar ao povo chileno que algo de inédito acontecera no cenário internacional das artes plásticas: uma metáfora engajada com o novo e revolucionário governo que ele próprio construía naqueles anos setenta, como Presidente da nação.

Aqueles dias chilenos foram de puro aprendizado, de ver e rever as coleções, o atelier de gravuras, as fotografias, conhecer uma história política não de todo sabida, visitar outros museus, como o de Belas Artes, o de Arte Contemporânea, o Instituto de Artes Visuais, o Museu Histórico Nacional – e ali outra surpresa: os retratos de famílias coloniais, bem à maneira do começo do século XIX, do pintor peruano que também trabalhou no Chile, o mulato Gil de Castro: tentei em vão descobrir alguma publicação sobre a sua vida.

Sempre acompanhado pela diretora executiva da Fundação Allende, Patricia Espejo, e pelo arquiteto Miguel Lawner, nas muitas visitas que fiz ao edifício da Calle Herrera, aos poucos me fui inteirando sobre aquele esplêndido acervo, em parte exposto, grande parte guardada em outros depósitos. Havia ali obras de alguns artistas brasileiros, e uma placa alusiva à intervenção do crítico Mario Pedrosa. Havia também uma grande instalação de Miguel Lawner, sobre os tempos em que estiveram na Ilha Dawson, exilados naquele campo de concentração, fazendo toda espécie de trabalho pesado, ele e muitos dos auxiliares diretos do Presidente Allende.

Eram pungentes aqueles desenhos que retratavam o cotidiano daquelas pessoas isoladas do mundo, expressado pelo hábil gesto gráfico do arquiteto Lawner. E ele estava ali ao meu lado, trabalhando na reforma e na restauração do edifício que abrigaria o novo Museu da Solidariedade, suprema ironia poética, a de estar trabalhando num projeto que, outrora, o condenara ao desterro.

Aliás, às vezes a história tem um modo irônico de suplantar tipos diversos da violência humana. Violência que também havia no prédio do futuro museu: uma central de escuta telefônica da CNI, instalada no período da ditadura. Todo aquele equipamento no porão do edifício não deixava de ser uma ferida aberta para eles, que tanto sofreram naquele período da sua história.

Enfim, eu era uma espécie de filtro entre o passado recente e o futuro do novo museu, e as suas premissas – de como armá-lo e de como conceitua-lo. Agora, se uniam a Fundação Allende e o Museu da Solidariedade num só espaço. A concepção deveria ser simples e dividida em duas etapas, onde configurariam todas as funções das duas instituições.

Era importante que a memória do Presidente Salvador Allende fosse colocada à mostra, como uma espécie de introdução à coleção. Havia pouquíssimos objetos e materiais que lhe pertenceram pessoalmente. Porém havia os discursos, as fotografias das muitas passeatas em prol do governo socialista que acabara de se instalar, e outras, brutais, da invasão do Palácio La Moneda. Era imperativo que o projeto do Museu se unisse ao da Fundação Allende, no momento de renovação política com o compromisso democrático do Chile. Não como proselitismo, mas como ressonância de um momento de tanta relevância histórica para o país, para as artes, e para os artistas que contribuíram com as suas nada mesquinhas doações.

1. Hurtado, Claudia Zaldívar. Museo de la Solidaridad. Memoria para optar al Grado de Licenciado en Teoría e Historia del Arte. Orientador: Pablo Oyarzún. Universidad de Chile, Facultad de Artes. Departamento de Teoría e Historia del Arte. Santiago, Chile, 1991.

Este texto serve como introdução para explicar o envolvimento de mais um brasileiro com o Museu da Solidariedade. Coincidências ou não, ainda havia a presença constante e o entusiasmo do embaixador Gelson Fonseca. E, para reafirmar ainda mais esses laços, a antiga secretária do Museu, nos tempos de sua fundação, tinha sido a brasileira Daisy Piccinini, professora e historiadora de arte, então vivendo no Chile.

Existe uma alentada bibliografia sobre a coleção e sua importância, sobre os movimentos de vanguarda da época e a criação do museu, como também sobre o conturbado momento depois da sua inauguração, e o golpe militar que, de certa forma, frustrou a utopia de sua ação perante o povo chileno; são muitos os estudos, os ensaios que registram a contribuição de historiadores, críticos, e artistas envolvidos no magnífico projeto. Além disso, uma monografia de Claudia Zaldívar Hurtado, tese defendida na Faculdade de Artes da Universidade do Chile, traz vasta documentação sobre o Museu da Solidariedade.<sup>1</sup>

Portanto, a história do Museu da Solidariedade, desde o seu começo até hoje, desde a consolidação da idéia até o envio das obras, que milagrosamente superou momentos políticos difíceis do país, tem sido objeto de muitos estudos; não só dos personagens, que na época trabalharam em prol da sua criação, junto aos movimentos artísticos internacionais, mas também de estudiosos da arte em geral.

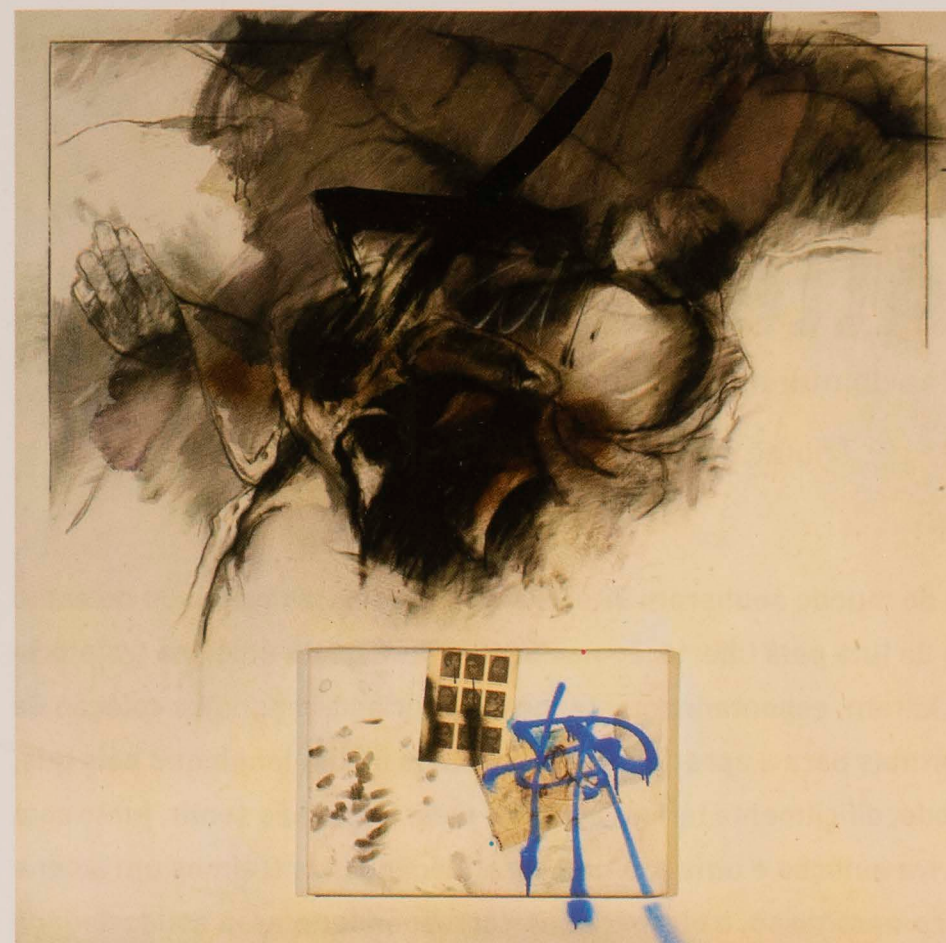
A coleção do Museu da Solidariedade começou a ser formada em julho de 1971, a partir da idéia e da ação de artistas e intelectuais – o crítico de arte espanhol, José María Moreno Galván, o crítico brasileiro Mário Pedrosa, o pintor catalão José Balmes. Conforme a pesquisa de Hurtado, naquele tempo, um grupo de intelectuais sentiu a necessidade de formar um comitê internacional, que estudasse a forma de realizar e conduzir esse movimento de solidariedade, acolhido pelo Presidente Allende. Assim consumou-se, em janeiro de 1972, o Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile – C.I.S.A.C. – integrado por artistas, críticos de arte, e diretores de museus de diferentes capitais da Europa e da América, como Louis Aragon, poeta e diretor da Lettres Française; senador Carlos Levi, pintor e escritor italiano; Jean Leymarie, diretor do Museu Nacional de Arte Moderna de Paris; Giulio-Carlo Argan, ex-presidente da Associação Nacional de Críticos de Arte; Edward de Wilde, diretor do Museu de Arte Moderna, de Amsterdam; Dore Ashton, crítico de arte norte-americano; Sir Ronald Penrose, crítico de arte inglês; Harald Szeemann, diretor de Bienal de Berna, Suíça; Rafael Alberti, poeta espanhol; José María Moreno Galván, crítico de arte espanhol; Aldo Pellegrini, poeta e crítico de arte argentino; Mariano Rodríguez, pintor e vice-diretor da Casa de las Américas; Juliusz Starzyrsky, professor e crítico de arte polonês; Mário Pedrosa, vice-presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte; e Danilo Trelles, cineasta e consultor do departamento de Belas Artes, da Unesco.

Assim, doze países foram representados nesse Comitê: Itália, França, Holanda, Inglaterra, Suíça, Polônia, Estados Unidos, Espanha, Argentina, Cuba, Brasil e Uruguai.

Entretanto, poder-se-ia dizer que o grande gestor, animador, fundador, e pai do Museu da Solidariedade foi, sem dúvida, Mário Pedrosa, eleito presidente do Comitê Executivo. Pedrosa já era um destacado crítico de arte brasileiro, organizador das Bienais de São Paulo de 1953 e de 1961, e estava exilado no Chile por causa da ditadura militar brasileira. Era, portanto o melhor nome para dirigir o Museu, porque vivia no Chile, conhecia a realidade local, era um respeitado expert da arte contemporânea, e tinha múltiplos contatos com gente destacada do meio artístico mundial. Como secretário executivo, ele nomeou Danilo Trelles, amigo pessoal do Presidente Allende, que também residia no Chile.

“A primeira resolução nossa foi que o comitê estivesse composto somente por personalidades estrangeiras. As doações serviriam para organizar um novo museu, num Chile novo. Assim se destacava a espontaneidade da idéia solidária. Danilo Trelles e eu, por não sermos cidadãos chilenos e estarmos radicados no Chile, passamos a formar imediatamente o núcleo do Comitê. Conseguimos a adesão entusiasta de quem hoje a constitui”, nas palavras de Mário Pedrosa.

Os objetivos dos membros do Comitê Internacional de Solidariedade com o Chile eram: promover a idéia em seus respectivos países e tomar contato com todos os artistas do mundo que, de alguma maneira, apoiavam a experiência política que estava ocorrendo no Chile, para que colaborassem, com a doação de suas criações



José Balmes



Joan Miró

artísticas, para a formação de um museu de arte contemporânea. Os integrantes desse comitê deviam ocupar-se da seleção dos artistas doadores, e da coordenação do trabalho requerido para realizar tal tarefa.

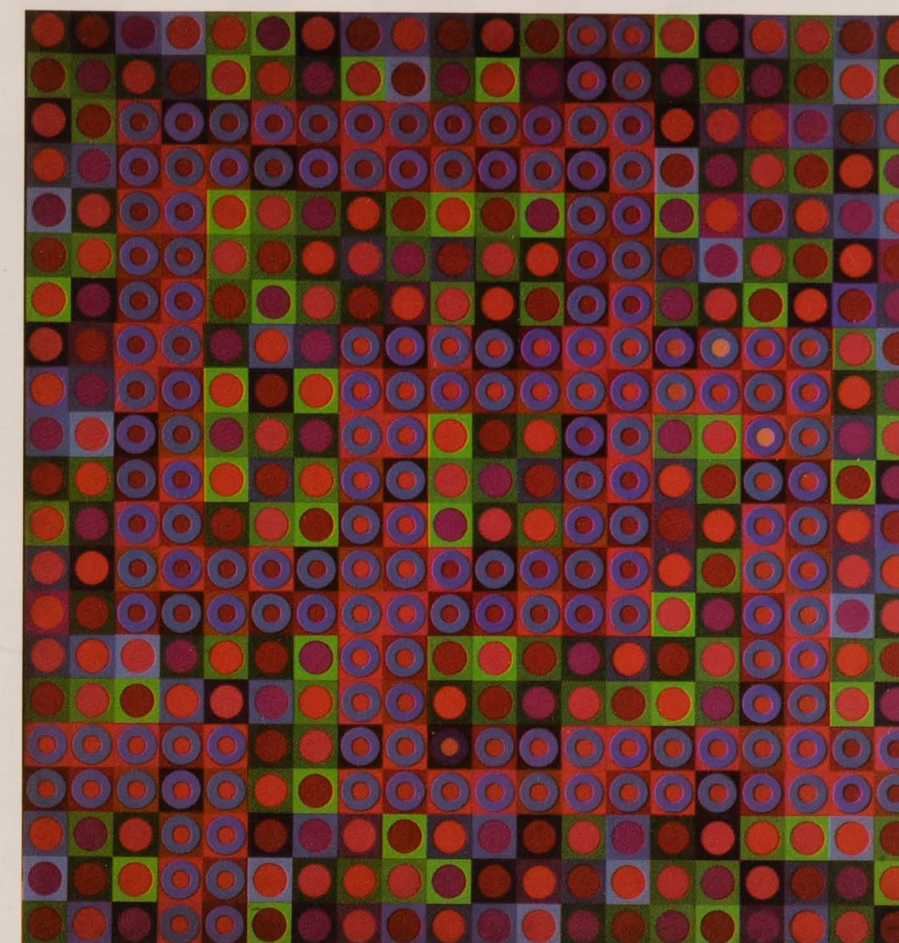
Paralelamente, foram nomeados o artista José Balmes, diretor da Escola de Belas Artes, e Miguel Rojas Mix, diretor do Instituto de Arte Latino-Americana, como coordenadores chilenos do Movimento de Solidariedade Artística com o Chile.

Portanto, a história da criação do Museu da Solidariedade, apesar de todos os percalços e de um difícil começo, por todas as razões – inclusive as utilizadas pelo grupo de trabalho para recebimento das obras – viria a ser um fato inédito na história chilena e, de certa forma, do mundo. Cabe lembrar ainda que o sucesso dessa grande empreitada, que se completou agora na nova sede em Santiago, deveu-se também ao fato do grande poeta Pablo Neruda ser o embaixador do Chile, na França. Este fato foi fundamental para que os artistas que viviam em Paris, muitos deles exilados por causa de políticas repressoras de várias partes do mundo, sobretudo da América Latina, fizessem suas doações. Por exemplo, as obras dos artistas brasileiros, presentes no acervo do museu, foram doadas através da embaixada do Chile, em Paris; isto vale para dizer que a verdadeira doação formada no Brasil nunca chegou ao Chile, e nada se sabe sobre ela, a não ser uma relação dos artistas brasileiros, preservada nos arquivos do Museu, por sua antiga diretora, Carmen Waught.

O certo é que diante da magnitude da coleção do Museu da Solidariedade, que me emocionou desde a hora que a conheci, sua itinerância pela América Latina e, até mesmo, pela Europa se reveste de fundamental importância. É uma oportunidade rara de conhecer a coleção de arte moderna mais importante da América Latina, e sua história magnífica, pois ela ressoa, de certa forma, a utopia que a criou, e que envolveu tantos artistas importantes do mundo. Ali estão muitos nomes significativos da arte internacional, hoje reverenciados, também pelo mercado; além disso, a coleção é histórica, sobretudo, pelo fato extraordinário de ter permanecido no Chile, na América Latina, a salvo de todas as tempestades que por ali passaram. Creio que a obra de arte tem uma proteção especialíssima de Deus, para resistir a todos os momentos da história da humanidade. Assim, a presidência e a diretoria da Federação das Indústrias de São Paulo entenderam a grandeza que



Gracia Barrios



Víctor Vasarely



Lygia Clark

justifica que esta primeira experiência de itinerância do Museu da Solidariedade seja em São Paulo, e no Brasil, que esteve diretamente entrelaçado à sua criação. "O Museu pode ser considerado como um monumento à dificuldade e ao trabalho de recomposição, não somente da memória plástica dos chilenos. Esse seria um objetivo de curto alcance, comparado com o esforço monumental que significou sua constituição. O que está em jogo é a possibilidade de reconstruir a imagem de uma cultura plástica e política, que deve assumir seus momentos traumáticos e suas descontinuidades", como tão bem disse Justo Pastor Mellado.

#### A Exposição do Museu da Solidariedade em São Paulo

A exposição agora armada para a Galeria de Arte do Sesi, de alguma forma resume a curadoria feita por Patrício M. Zárate, para a inauguração do Museu da Solidariedade Salvador Allende, em 2006. Como expliquei, esse é um museu que confronta experiências dos movimentos vanguardistas mais significativos do século XX, ainda que nem sempre as obras sejam sincronizadas, ou semelhantes em seu contexto formal e retórico, objetivando assim identificar assuntos e problemáticas afins, captando, em alguns casos, momentos definitivos da carreira de muitos artistas.

A idéia desta curadoria, que acrescentou muitas outras obras que, a meu ver, complementam os movimentos vanguardistas do século XX, é uma fina sintonia, na forma mais ampla possível, entre a criação desses artistas, significativos nos anos 60, 70, e 80, e os acervos dos nossos museus, no Brasil. Muitos desses artistas são nossos conhecidos, como é o caso de Joan Miró, da Espanha; Wifredo Lam, de Cuba; Antonio Berni, da Argentina; Alexander Calder, dos Estados Unidos; Pablo Picasso, da Espanha; Joaquim Torres Garcia, e Pedro Figari do Uruguai, entre tantos outros nomes, ainda desconhecidos aqui, latino-americanos e europeus.

Poderíamos dizer que a abstração geométrica e a lírica foram expressões dominantes do século XX. Isto muito significa para nós, brasileiros, que de certa forma acompanhamos essas linguagens da vanguarda internacional através das Bienais de São Paulo. A vanguarda presente no museu do Chile passa por alguns nomes fundamentais da geometria e da abstração formal e informal, além da arte cinética do Século XX. Frank Stella, Julio Le Parc, Victor Vasarely, Jesús Rafael Soto, Carlos Cruz Díaz, Lygia Clark, Sérgio Camargo,

Antoni Tápies, Franz Krajcberg, Lucio Muñoz, Roberto Matta, José Balmes, e Gracia Barrios, são nomes fundamentais, cujas obras estão nesta exposição.

A Exposição na Galeria de Arte do Sesi também objetiva mostrar como esta seleta da coleção do Museu da Solidariedade é um acervo de arte, único no mundo, tanto pelas características de como ele se formou, como pelas condições políticas, culturais, e éticas envolvidas em sua criação.

Portanto, um aspecto fundamental desta mostra será elucidar essas questões para que o público brasileiro tenha melhor entendimento de que, além do espetáculo que a própria coleção encerra, como ato da criação humana, ela se apresenta como um gesto generoso de cidadania dos artistas do mundo. Esta vertente sublimha, ainda, como a coleção adquire o seu significado de compromisso entre todos os povos irmanados pela livre expressão, pela liberdade. O sonho e a utopia acompanharam esse grande momento do Chile, entre pensadores da arte e criadores que, engajados num projeto de inédita envergadura artística e social, possibilitaram o acesso dessa arte ao povo chileno, tantos anos depois. E fizeram ainda melhor: essa bela coleção é hoje patrimônio do Chile.

O Museu da Solidariedade Salvador Allende é um sucesso que, apesar de todos os percalços, venceu como um hino de liberdade. E venceu, também, o homem e seu compromisso com o sonho e a utopia. Por isso, um espaço foi criado para abrigar uma breve memória do Presidente Allende, e uma homenagem a um dos seus mais próximos interlocutores, o crítico de arte Mário Pedrosa, a cuja memória esta exposição é dedicada.

Voltando ainda àqueles dias chilenos, devo lembrar emocionadamente um almoço na casa de Isabel Allende. Ali se perpetuou um momento significativo entre amigos envolvidos naquele novo projeto. Ali, na atmosfera daquela sala, com todos em volta de Isabel, à mesa, levantou-se um brinde enternecido ao futuro, cheio de emoção, aos antigos e novos laços de uma forte aliança, mais uma vez renovada, à beleza e à liberdade.

# ESTÉTICAS, SONHOS E UTOPIAS DOS ARTISTAS DO MUNDO PELA LIBERDADE



FUNDACION  
ARTE Y SOLIDARIDAD  
FUNDACION  
SALVADOR ALLENDE  
SANTIAGO - CHILE



20 de março a 24 de junho de 2007

Centro Cultural FIESP | Galeria de arte do Sesi  
Av. Paulista 1313 São Paulo, SP

Terça-feira a sábado das 10h às 20h  
Domingo das 10h às 19h